

Da minha biblioteca

Sete Contos Ilustrados



Adriana Nogueira

Classicista
Professora da Univ. do Algarve
adriana.nogueira.cultura.sul@gmail.com

Escrever um conto, precisamente por ter de ser curto e ter de conter (e contar) tudo em poucas palavras, exige uma grande perícia. Demora ser breve. Conseguir, em poucas páginas, prender a atenção do leitor, levá-lo ao clímax da ação e descontraí-lo, no final, não é tarefa simples.

Pois bem, posso dizer que os autores presentes neste volume, publicado pela Lua de Marfim e coordenado por F. Esteves Pinto, alcançaram com sucesso aqueles objetivos.

A ideia de convidar também sete artistas para ilustrarem os contos foi muito feliz. Cada um leu, à sua maneira, o con-

to que ilustrou, fazendo, por vezes, da ilustração um novo «texto», mais do que uma ilustração. Descubram-nos!

António Manuel Venda
– «Os Romanos»

Quem me tem acompanhado nesta página mensal sabe que sou uma fã confessa de António Manuel Venda: tenho todos os seus livros e saber que A. M. Venda é um dos autores seria já, para mim, motivo para ter o livro. E não desilude. Mantendo o seu universo no registo do fantástico tornado comum (o chamado realismo mágico), há uma personagem que se confunde propositadamente com o autor (não só pela profissão de escritor, como pela referência a um livro que teria escrito e que é igual a um que o autor tem), numa história absurda de um barco cheio de romanos prontinhos para atacar Vila Real de Santo António, em que o – moral, possível, da história – que nos fica dos

tempos perdidos são objetos do passado, que nos transportam de um lado para o outro.

Fernando Esteves Pinto
– «Coração da Cidade»

Vai ser difícil escrever sobre todos os contos – esta página é limitada. Vou procurar, pelo menos, deixar algumas impressões sobre cada um ou um trecho que possa ajudar a formar uma ideia do que nos é oferecido com a sua leitura.

De Esteves Pinto destaco a capacidade para nos contar uma história não feliz sem ser triste, de sexo que não o é, de amor que não acontece. Destaco ainda o modo como trata bem as suas personagens e como consegue falar deste assuntos sem ser vulgar. A sua elegância a tratar os temas enterneceu-me, como a personagem masculina que, no fundo, tem «bom vinho»: beber de mais não a tornou vil. Gostei muito.

Fernando Pessanha
– «O Sétimo Céu
e as Meninas de Tânger»

O título do conto leva-nos, com humor, para um universo onírico, de fantasias (masculinas, atrevo-me a dizer), em que um jovem investigador se vê atraído por uma Xerazade, que lhe conta histórias, rodeado de beldades que dão a entender promessas de prazer («Respondeu com uma expressão malandra» - p.53; «Todas as raparigas assentiram, continuando a fitar o historiador com os seus olhos melosos» - p. 58) – de tal modo que se sente no seu sétimo céu – e... adormece. Mas aqui, como na vida, os sonhos trazem esperança de concretização. Um final que torce o destino, ao gosto do autor.

Paulo Moreira
– «Filho da Mãe»

O conto de Paulo Moreira tem uma construção em cres-



Os contos foram ilustrados por sete artistas ||

Pedro Afonso – «Aquila»

O narrador deste conto confessa a sua dificuldade em descrever por palavras a experiência «única e indizível» que a personagem estava a sentir. Vou apropriar-me dessas palavras para que sejam elas a contar: «Raramente conseguimos resistir a transpor todas as vivências para o discurso, ou pelo menos as mais marcantes, e mesmo que não as comuniquemos a ninguém, organizamo-las para nós em pensamentos verbalizados. Se fosse de outra maneira, como existiriam os milagres, as aventuras, os êxtases e coisas que tais que invocam sempre o mistério, ou seja, aquilo que as palavras não dizem?».

Vítor Gil Carneira
– «O Amor é uma
Fuga sem Fim»

Este é o conto maior (25 páginas) e, talvez por isso, a história possa ter mais personagens (o anjo, o camionista, o patrão, o médico, a enfermeira, os mineiros), sem que se sinta que estão a mais, e ser um pouco mais complexa. Mantendo um registo de algum humor e ironia (vai interpelando o leitor, com graça), não deixa de semear algumas reflexões mais sérias: «Havia mesmo uma pequena alegria que o animava na contemplação do outro. O outro que oferecia o desejo da diversidade, apelando à união das incompatibilidades. Não há serenidade nem planura nos homens incompletos. O outro é o espelho que nos transforma no todo. A fusão entre o efêmero e o eterno.

Gostei bastante deste livro. Gostei, principalmente, porque não se lê depressa. Sim, leu bem. Estes contos são bons para se lerem devagar. Podemos, assim, apreciar melhor as suas especificidades, pois são bem diferentes uns dos outros. E convém fazer uma pequena pausa entre cada um. Não tem de ser muito grande, mas o suficiente para se mudar de registo. Ou então faça mesmo uma pausa maior, para durar mais o prazer da leitura.

cendo. Começamos por não saber quem é a personagem nem a sua mãe, cuja vida vai sendo recordada por memórias mais ou menos esquecidas do filho, que a acompanhou no funeral com que se inicia a história. Gradualmente vamos descortinando o homem e o seu caráter, assim como a frágil e esporádica relação que tinha com a mãe. No final, libertado do preconceito, aceita as lágrimas, a dor, e a expressão, tão adequadamente aplicada, de filho da mãe.

Paulo Kellerman – «Facelist»

Este conto tem uma estrutura que me agrada, pois é um desafio ao leitor (também o foi ao autor), dado que não tem narração nem descrição, mas apenas o diálogo entre duas persona-

gens, sem orações parentéticas ou explicativas: não há «disse um» ou «disse o outro». Percebemos, pelo diálogo, que a conversa se passa entre cliente e psiquiatra, sobre o facto de as pessoas serem indiferentes ao que sai do comum, como reagirem ao verem um homem com uma lista de compras escrita na cara. « – O senhor, que é psiquiatra e deve perceber destas coisas, diga-me lá: porque sorriem as pessoas tão pouco? – Demasiada consciência de si próprias, talvez, incapacidade de se libertarem dos seus pensamentos e racionalidades, dos seus medos, das suas ansiedades. Talvez as pessoas estejam demasiado fechadas em si próprias, demasiado auto-conscientes. Demasiado reféns de si».



AGENDAR



“COCHES DOS SÉCULOS XVI A XVIII”

Até 26 FEV | Museu Municipal de Olhão

A exposição nasce das mãos do mestre José Cardoso Brito, artista autodidacta que reproduz fielmente alguns dos originais expostos no Museu Nacional dos Coches



“MÃE COM AÇÚCAR”

15 e 16 JAN | 15.30 e 21.30 | Cine-Teatro Louletano

A peça é um retrato da relação entre avós e netos, da amizade que nasce na distância de gerações, da sabedoria e da inocência e das tradições e estórias passadas oralmente